

## **SILVIANO SANTIAGO: INTERSECÇÃO ENTRE CRÍTICA LITERÁRIA E FICÇÃO**

Renata Magdaleno

Uerj<sup>1</sup>

Passeando pelo centro do Rio de Janeiro, o crítico e escritor Silviano Santiago fixa os olhos em um volume à mostra na vitrine de uma livraria. A edição trata das correspondências trocadas por Machado de Assis em seus três últimos anos de vida. A leitura é feita em meio à rotina solitária, com a companhia de seu bicho de estimação e a xícara de café da manhã, refletindo sobre as mazelas que acompanham à terceira idade. Nas páginas do livro, o escritor se depara com um Machado também solitário, recém-viúvo, orientando às empregadas que não movessem nenhum móvel de lugar e mantivessem a rotina da casa exatamente como Carolina, sua esposa, costumava fazer. Se vendo às voltas com o dia a dia do trabalho, a escrita de seus livros e as crises de epilepsia. Presenciando um Rio de Janeiro que se transforma urbanisticamente, o mesmo Machado que vivencia também a mudança de regime político da monarquia para a república, acompanhando os processos avidamente pelos jornais e, deixando transparecer sua visão crítica em textos e livros como *Esaú e Jacó* (1904). Uma vida que segue em movimento diante de seus olhos, enquanto o seu corpo enfermo definha.

A correspondência inspira Silviano a escrever o livro *Machado* (2016), se debruçando em uma vasta pesquisa sobre a vida do autor, focando em seus últimos livros, lendo criticamente os romances que escreveu no período, e usando aspectos da vida do escritor e do Brasil do fim do século XIX e início do século XX para apresentar novas interpretações.

---

<sup>1</sup> Doutora em Estudos de Literatura pela PUC-Rio, pós-doutorado em Literatura pela Uerj. Atualmente, é pesquisadora de literatura e cultura e professora de teoria da Espm-Rio.



As epígrafes que escolhe para abrir a obra já dão a pista das intenções por trás dos escritos. Em uma delas, está um trecho do filósofo Jean-Paul Sartre, em que ele comenta sua obra sobre o escritor Gustave Flaubert:

Escritor é sempre um homem que escolheu mais ou menos o imaginário: precisa de certa dose de ficção. No que se refere a mim, encontro-a no meu trabalho sobre Flaubert que, aliás, pode ser considerado um romance. Meu desejo é que as pessoas digam que se trata de um verdadeiro romance. Naquele livro, tento atingir certo nível de compreensão de Flaubert por meio de hipótese (SANTIAGO, 2016, p.9).

Na capa de Machado, livro publicado por Silviano Santiago, a palavra romance aparece destacada logo abaixo do título. Mas definir o que temos nas mãos quando abrimos o livro não é tarefa simples. Híbrido seria a única palavra adequada, fronteiras borradas, gêneros que se mesclam. Estamos diante de entranhas. A edição é o avesso da produção de um romance, com toda a sua pesquisa exposta. É o avesso de um grande livro de crítica literária, onde as hipóteses do crítico aparecem como a ficção que permeia a história. Vemos esse leitor obcecado pelo Machado que encontra em sua correspondência, praticamente se unindo ao personagem que investiga, encontrando coincidências nos mais diversos detalhes.

Em “Transgredir o gênero” (2011), Ana Cecília Olmos explora uma tradição da América Latina em ultrapassar os limites dos textos literário. Característica cada vez mais constante entre os autores que publicaram a partir dos anos 2000, cujas experimentações e quebras de formatos fazem com que a identificação (afirmação categórica) de um texto literário se torne cada vez mais difícil. Mais do que uma tentativa de garantir liberdade à arte, como aparece constantemente em obras do modernismo, os textos que ela cita podem ser apontados como sintomas, ou reflexos, do contexto em que vivemos. Mallarmé e suas experimentações são provas de que não é uma novidade observar uma literatura que desconstrói seus limites e aponta para múltiplas possibilidades. Mas a autora ressalta que está diante de textos que reforçam a literatura como uma arte ameaçada de extinção, por uma série de mudanças no contexto que afetam o fazer literário, como os avanços tecnológicos (que criaram, entre outras coisas, novos hábitos, interferindo nas formas de escrita e leitura), o surgimento de novas linguagens e imposições de um mercado cada vez mais competitivo. Diante de escritores que desconfiam dos próprios procedimentos



que produzem e, por isso mesmo, desestabilizam certezas, defendendo a dúvida como única leitura constante em um momento de transformações profundas.

Olmos é uma das muitas pesquisadoras a estudar a explosão de textos híbridos na literatura contemporânea, realizando uma leitura crítica sobre estes que descortina aspectos presentes no mundo de hoje e refletidos em textos de autores diversos. Há uma lista de teóricos da região que se dedicaram a estudar o assunto nas últimas duas décadas, como Josefina Ludmer, Florencia Garramuño, Reinaldo Laddaga, Sandra Contreras, Diana Klinger e o próprio Silviano Santiago, autor de *Machado*.

Em “Literatura Latino-americana e novas cartografias” (2012), Olmos estende a reflexão da mescla entre os gêneros para a crítica literária. No artigo, ela explora escritores que, nos últimos dez anos, escreveram ensaios refletindo sobre a própria literatura, questionando diversas temáticas ligadas à escrita e, dessa forma, flertando com uma área destinada aos críticos. Autores que, misturando experiências pessoais ao relato, refletiram sobre o lugar do escritor latino-americano na região dentro de um mundo globalizado e conectado.

Da inesgotável variedade de temas que podem ser abordados no ensaio, os autores de ficção privilegiam a literatura. Nessas páginas, os escritores podem desdobrar o comentário de um livro, explicitar as preferências literárias, manifestar as tomadas de posição nos debates culturais ou, inclusive, confessar, não sem uma dose de perplexidade, os rituais do próprio processo criativo. (OLMOS, 2012, p.45)

Em 2011, a crítica literária argentina Josefina Ludmer refletiu sobre a intersecção entre crítica e ficção no *II Seminário Internacional de Crítica Literária: Crítica Literária Hoje: Impasses e desafios*. Para Ludmer, o movimento de abertura de fronteiras da crítica pode ser observado pelas próprias experiências literárias que passam a surgir ao longo dos anos, já que as duas caminham juntas. Se teóricos e escritores refletiram sobre o fim da literatura, por conta das mudanças no mundo, a partir do final do século XX, as mesmas questões surgiram direcionadas ao universo da crítica literária. A reflexão em relação à uma época de pós-autonomia, desenvolvida pela pesquisadora para pensar os escritos que surgem na literatura dos anos 2000, contaminados por outras áreas, com fronteiras porosas e de difícil definição, ela aplicou ao terreno da crítica literária. Textos mais abertos, que



poderiam ser classificados em mais de um gênero, mesclam o pensamento crítico com a ficção, as experiências individuais...

Apesar de Ludmer usar em suas reflexões exemplos da literatura argentina, o mesmo cenário se percebe além das fronteiras do país. Voltar os olhos para a história da crítica literária brasileira, por exemplo, é perceber também como esse terreno vai se transformando de acordo com mudanças no contexto. O surgimento de um mercado cada vez mais acirrado e transformações tecnológicas, que trouxeram novos hábitos a leitores e escritores, estimulam uma abertura de fronteiras para outras áreas, a contaminação com outros campos. Diante dessa reflexão, mesclar a crítica à ficção, por exemplo, seria uma forma de aproximá-la dos leitores dos dias de hoje, torná-la mais acessível e garantir, assim, sua permanência.

Flora Süssekind afirma, em *Papéis colados* (1993), que os leitores de literatura do início do século XX estavam acostumados com uma crítica que funcionava quase como uma orientação de leitura, com a figura do crítico, sem formação acadêmica, desfiando suas opiniões e escrevendo suas impressões pessoais sobre as obras. A chamada crítica de rodapé, publicada em algumas páginas dos periódicos do período, na parte inferior. O cenário muda drasticamente ao longo dos anos, com o pensamento desenvolvido nas universidades ganhando força, inspirado e copiando as correntes críticas que se desenvolviam na Europa, e contaminando o espaço antes destinado à crítica impressionista. Os textos se tornavam pouco acessíveis, difíceis de serem consumidos pelo leitor comum e mais voltados a um público especializado de pesquisadores.

Em *Crítica Cult*, Eneida Maria de Souza detecta o quanto essa transformação coloca a crítica em um pedestal. Mas o surgimento de um mercado editorial cada vez mais acirrado, no fim do século XX, e a influência dos meios de comunicação, fazem com que estes textos se tornem mais acessível, movimento que só se intensifica ao longo dos anos 2000.

A crítica deixa de ter um suporte definido: artigos acadêmicos, veículos especializados e suplementos semanais nos grandes periódicos, e passa a se mesclar com outras áreas. Não faltam exemplos de escritores que publicam livros em que a ficção está mesclada a um pensamento crítico voltado à literatura, como, por exemplo: Ricardo Lísias, João Gilberto Noll, Paulo Scott e Julian Fuks. As editoras recorrem a booktubers, que voltam a apostar na crítica impressionista (como as do



início do século XX) e atraem milhares de seguidores, acostumados à linguagem dinâmica das redes e à procura de uma espécie de “autenticidade”, se aproximando dos gostos e práticas de leitura do crítico. Novamente, parece descer de um pedestal, perdendo a noção de verdade de um discurso “científico” que toma os textos críticos desenvolvidos por acadêmicos nas décadas de 60 e 70, por exemplo.

Nesse terreno, da mescla de gêneros e da incorporação do pensamento crítico à ficção, Silviano Santiago aparece como uma referência. Ele produziu romances e contos, onde, muitas vezes, reflexões autobiográficas aparecem mescladas à ficção e a um pensamento crítico sobre a literatura. É possível encontrar exemplos dessa prática no romance *O falso mentiroso* (2004) e na coletânea de contos *Histórias mal contadas* (2005), por exemplo.

Na coletânea, o autor divide o livro em duas partes. Na primeira, apresenta cinco contos inspirados nos primeiros anos de sua trajetória acadêmica, quando estudava em Paris e lecionou por um período, na década de 60, nos Estados Unidos. Uma mescla de ficção com experiências pessoais dá ares de autoficção às histórias e trazem reflexões sobre o lugar desse brasileiro passeando por essa cultura estrangeira. Refletindo, também, sobre o resultado de nossas memórias, sempre um misto de fatos vividos com outros ficcionalizados, sempre histórias mal contadas. Na segunda parte, estão sete histórias “apropriadas”. Uma sequência de cartas inventadas de escritores como Walter Benjamin e Mário de Andrade.

Em *Em liberdade* (1981), Silviano também permanece na intersecção, mesclando diário com ficção e também se apropriando da escrita alheia e escrevendo algo novo a partir dessa fusão. Graciliano Ramos, perseguido pela ditadura de Getúlio Vargas, é preso político em 1936 e permanece por quase um ano na prisão. Suas experiências durante este período e as personalidades que conheceu estão retratados em um dos maiores clássicos do autor, *Memórias do Cárcere*, publicado postumamente em 1953. Mas ele nunca escreveu sobre seus primeiros momentos em liberdade. É isso o que Silviano faz cerca de 40 anos depois, escrevendo o diário do escritor Graciliano Ramos, imitando o estilo do autor, contando os primeiros três meses fora do cárcere. Entre outras reflexões, a iniciativa também traz a ideia da criação de algo novo a partir da cópia de um estilo, da apropriação de uma história. Em *liberdade*, é um romance, um diário, um relato histórico, uma profunda pesquisa sobre a vida do escritor alagoano...



Em textos ficcionais aparecem discussões que estão presentes também em textos teóricos clássicos do autor e que refletem sobre a literatura e a cultura latino-americana. No clássico ensaio “O entrelugar do discurso latino-americano” (2019), Silviano cunha o conceito do entrelugar, um desdobramento de discussões modernistas, falando dessa contribuição do latino americano, uma mescla de influência externa com aspectos internos, marca do multiculturalismo que se evidencia a partir do fim do século XX e que aparece como uma valorização da cultura e contribuição da região.

Segundo Italo Moriconi, na introdução da antologia *35 ensaios de Silviano Santiago* (2019), organizada por ele, o crítico sempre aproximou, ao longo de sua carreira, a literatura à discussões culturais e históricas. As reflexões que aparecem presentes em ensaios e algumas de suas obras ficcionais revelam um pensamento crítico sobre a posição do Brasil e da América Latina em uma cultura Ocidental, sobre a valorização do artista, do intelectual e dessa obra produzida na periferia do mundo.

Sempre na vanguarda, a intervenção de Silviano singulariza-se por abordar a literatura e a cultura brasileiras em perspectiva comparatista, num permanente confronto com a situação e a produção hispano-americanas, configurando um campo latino-americanista, posto diante da preeminência cultural europeia. (MORICONI, 2019, p.8)

Uma intersecção, um híbrido que está presente nas ideias e nos formatos. Em “Meditação sobre o ofício de criar” (palestra proferida pelo crítico e publicada na Aletria, Revista de Estudos de Literatura da UFMG, em 2008), Silviano ressalta que os dados autobiográficos percorrem todos os seus escritos ficcionais. O escritor se mescla ao acadêmico, ao crítico. As histórias pessoais se misturam às criações ficcionais. “Um dos grandes temas que dramatizo em meus escritos, com o gosto e o prazer da obsessão, é o da verdade poética. Ou seja, o tema da verdade na ficção, da experiência vital humana metamorfoseada pela mentira que é a ficção” (Santiago, 2008, p.178).

### **Romance às avessas**

Em *Machado*, o lado crítico e pesquisador transparece, como se conseguíssemos ver os bastidores do texto e, ainda, as reflexões e sentimentos do



autor. Tudo, é claro, com a marca da ficção, tirando o peso de verdades absolutas. “Tudo só vivido seria monótono, tudo só imaginado seria cansativo” (Santiago, 2016, p.51)

Lançado no fim do ano de 2016, o livro é dos mais emblemáticos para a reflexão sobre a mescla entre a ficção e o pensamento crítico. No romance, Silviano conta os últimos anos de vida do autor de *Dom Casmurro* e *Memórias póstumas de Brás Cubas*, enfatizando a doença, os ataques epiléticos constantes e a medicação que corrói rapidamente sua saúde. A palavra romance aparece estampada na capa da publicação, mas, nas páginas, há uma mistura de ficção, aspectos históricos da cidade do Rio de Janeiro, análises críticas da obra do autor e fatos reais da vida de Machado de Assis, baseados em sua correspondência.

Enquanto fala do escritor, Silviano também se coloca, aparece como pesquisador em atuação e é como se, ao discorrer sobre o fim da vida do autor, estivesse também falando do fim de sua própria vida. Vemos Silviano, personagem de seu próprio romance, avistando na vitrine de uma livraria o livro com a correspondência do autor, que o inspirou para a escrita, fazendo associações entre a vida de Machado e sua obra, investigando o contexto de uma época dentro de textos clássicos como *Esaú e Jacó* (1904).

O mergulho na vida do escritor do século XIX ainda faz com que ele se funda ao personagem que pesquisa, se imagine uma reencarnação do Bruxo do Cosme Velho. Silviano nasceu no mesmo dia em que morreu Machado de Assis, 29 de setembro. Machado morre em 1908, o crítico e romancista nasce em 1936. Coincidências vão estreitando a trajetória dos dois, até que crítico e escritor se confundem em uma única pessoa.

As dez digitais dos meus dedos, já semiapagadas pela velhice da pele, ganham dez olhos de sondar e explorar o livro antes de lê-lo. Apropriam o significado das páginas e mais páginas antes que sejam percorridas pelo sol da atenção. As duas mãos se transformam em memória epidérmica das palavras impressas. Num desses espantosos passes de mágica, que vêm desde sempre norteando, ilustrando e reestruturando minha própria vida, as cartas escritas e recebidas pelo famoso escritor brasileiro do século XIX se interiorizam entranhas adentro em processo inédito de metamorfose. Novo milênio, encontram abrigo sob as asas da minha imaginação. Transfiguro-me. Sou o outro sendo eu. Sou o tomo V da correspondência de Machado de Assis: 1905-1908. (SANTIAGO, 2016, p.49)



Um leitor familiarizado com pesquisas profundas não estranharia a metamorfose. Qualquer um que já tenha pesquisado à fundo uma temática acaba enxergando o seu tema de análise nos mais diferentes momentos e aspectos de sua vida. No romance, Silviano vira também personagem e, ao longo das páginas, convive com Machado. Nunca deixamos de sentir sua presença, a figura do crítico, ao longo do romance e, dessa forma, é como se estivéssemos diante dos bastidores dessa escrita. Ficção, pesquisa e pensamento crítico se contaminam e convivem, aparecem na superfície para o leitor. Percebemos que o romance, para acontecer, precisou de uma grande pesquisa histórica. Notamos que o pensamento crítico se alimenta da ficção, precisa que ela exista para preencher as lacunas dos fatos e, assim, criar suas teorias. Para que o bruxo do Cosme Velho ganhe vida, ficção, pesquisa e análises críticas precisam caminhar juntas. E, para que esse resultado aconteça, Silviano se bota em seu lugar, como reencarnação do autor de *Dom Casmurro*, para tentar reviver e desvendar seus últimos anos de vida.

Na madrugada daquele dia, tendo à cabeceira dr. Miguel Couto, os olhos de Machado de Assis moribundo se fecham em profundo recolhimento. Reabrem-se em 1936 no choro motivado pela palmada dada na bundinha sanguínea do bebê pela parteira precavida e desconhecida. (idem, p.54)

Uma das imagens exploradas por Silviano é apresentar o autor como um mímico, aquele que está sempre escrevendo através de metáforas. O crítico vai seguindo essa trilha, analisando personagens que conviveram com o escritor, acontecimentos históricos da época e revelando a forma como estes aparecem retratados em seus romances, como *Esaú e Jacó*. A história dos gêmeos Pedro e Paulo, brigando desde a barriga, com personalidades antagônicas, um monarquista e o outro republicano, mas apaixonados pela mesma mulher, com o mesmo objetivo em mente, revelam dois lados de uma mesma moeda que, apesar de aparência distinta, têm mais semelhanças do que diferenças. Uma crítica à transição do regime monárquico para o republicano. Em *Memorial de Aires*, o diário íntimo do Conselheiro Aires, discussões sobre a abolição da escravidão estão presentes, mas também é possível ver a sombra de Carolina, esposa de Machado, nas personagens femininas dos dois romances.

Outra linha de interpretação que perpassa todo o livro é a importância da doença, dos ataques de epilepsia, para a obra de machado. Como se a sombra da





morte, do fim eminente, da luta travada desde sempre, fossem estímulo para a arte. Uma arte que perdura, enquanto o corpo pouco a pouco definha.

A doença que cresce e vai devastando o ser humano por toda a vida é a principal responsável pela busca da imortalidade a ser alcançada pela obra de arte construída em independência da dor inafiançável e da exclusão educada do artista pelos companheiros e pelos pares. (idem, p.32)

Ao falar do tratamento seguido pelo escritor e prescrito pelo Dr. Miguel Couto, que acelera o fim e traz efeitos colaterais devastadores, Silviano repete estratégias marcantes da escrita de Machado. Interrompe a história para um dedo de prosa com o leitor. Como avisar ao bruxo de que o melhor é não seguir as prescrições médicas? “Neste ano de 2015, ainda não há como entrar na máquina do tempo e viajar de volta à manhã do dia 23 de fevereiro de 1906. Não há como recomendar ao escritor, a poucos meses da posse solene na Academia Brasileira de Letras, a hoje popular e indispensável terapia” (idem, p.151).

É através da doença também que o crítico traça uma linha ligando a trajetória de Machado a do escritor francês Gustave Flaubert, também ele sofrendo com as crises epiléticas constantes ao longo da vida. Entrevistado pela historiadora Lilia Schwarcz, em 2016<sup>2</sup>, Silviano afirma que Machado exemplifica em sua obra o valor da arte produzida na América Latina, aproximando o Brasil dos países hispano-americanos pelo passado colonial e pela ideia da cópia de modelos estrangeiros. Para muitos leitores do século XIX, Machado parecia apenas copiar a trama de Flaubert em *Madame Bovary* (1856), usando a mesma estrutura clássica do triângulo amoroso. Parecia se inspirar em romances já consagrados, como *O primo Basílio* (1878), de Eça de Queiroz. O crítico, porém, defende o lado híbrido do Bruxo. A estrutura realista da narrativa dá lugar a um relato em primeira pessoa. É Bentinho quem narra a infidelidade da esposa e, desta forma, lança a dúvida ao seu discurso, abre sua narrativa à discussão. Temos uma obra original, portanto, levantando outras reflexões.

Em *Machado*, vemos este hibridismo de Machado escancarado, já que o autor faz questão de exaltar como as influências transparecem na obra do escritor. O mímico nunca revela na ficção suas referências. Há uma mescla de real e ficção

---

<sup>2</sup> Entrevista em: < [https://www.youtube.com/watch?v=o\\_nUJa06uF4](https://www.youtube.com/watch?v=o_nUJa06uF4)>



dentro de sua obra, que entrega um produto híbrido no final, apresenta algo novo nessa mescla. Como uma metáfora, nunca um sinônimo, uma cópia exata, mas uma imagem nova que leva a pensar.

Silviano também repete o feito e apresenta um texto de gênero híbrido. Ao escancarar as entranhas da escrita e da pesquisa, ele não apenas revela o quanto Machado mesclava ficção e realidade, mas repete o feito. A palavra romance, na capa do livro, parece ter sido escolhida apenas para ressaltar a presença da ficção ao longo da obra. Afinal, nós, leitores, acompanhamos a trajetória do escritor nos seus últimos anos, mas também o processo de pesquisa do crítico, suas análises críticas e as lacunas da história que só a ficção poderia dar conta. *Machado* é um romance, mas o livro é também um grande ensaio sobre os bastidores da crítica literária, suas intersecções com a ficção e os traços subjetivos por trás das análises.



### Referências Bibliográficas

KLINGER, Diana.

GARRAMUÑO, Florencia.

GUTIERREZ, Rafael. Formas Híbridas.

MAGDALENO, Renata. Uma crítica que se quer literatura.

OLMOS, Ana Cecília.

SANTIAGO, Silviano. Meditação sobre o ofício de criar. Palestra apresentada no Rio de Janeiro. In: **Revista Aletria: revista de estudos de literatura**. Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade de Minas Gerais, Minas Gerais, V.18, p.173-179, jul./dez. 2008.

\_\_\_\_\_. **Machado**. São Paulo: Companhia das Letras: 2016.

\_\_\_\_\_. **Histórias mal contadas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

\_\_\_\_\_. **Em liberdade**. Rio de Janeiro: Rocco



CRÍTICA Literária Hoje: Impasses e Desafios (2011 : São Paulo, SP). In:  
ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural,  
2020. Disponível em: < <https://conexoesitaucultural.org.br/posts-relacionados/a-critica-biografica-e-os-desafios-da-ficcao/>>. Acesso em: 18 de Jul. 2020.  
SOUZA, Eneida Maria. Crítica Cult.  
SÜSENKIND, Flora. *Papéis colados*.

